

EDITORIAL

O DIFÍCIL COMEÇO

Inovar! Propor! Ninguém disse que seria fácil! E não é. Abrir caminhos que por vezes nunca foram trilhados não é uma tarefa fácil. Organizar um evento. Propor uma nova revista científica. Definir um projeto de extensão, de pesquisa. Várias dificuldades e dúvidas aparecem no nosso caminho. Talvez a maior delas seja engajar as pessoas.

Primeiro que enquanto editores acadêmicos, somos professores. A bem da verdade, professores, pesquisadores, empreendedores, orientadores, secretários, digitadores, administradores, contadores, conselheiros, diagramadores, *webdesigners*, revisores e programadores [...], uma grande lista de papéis que a sociedade, por bem ou por mal, insiste em não compreender.

Legalmente, somos professores, e, enquanto funcionários públicos, pagos para atuar em sala de aula, para alunos da graduação. Todos os outros papéis não são compreendidos pela sociedade e também não recebemos acréscimos de salário para exercê-los [somos pagos para isso!?!]. O desgaste traz exclamação e questionamentos, dentre eles, mas só dá aula [!], não trabalha [!...] [risos aqui] e ainda duas ou três vezes por semana [...] e o resto [?], que desperdício do dinheiro público [!], claro que existem alguns entre nós, que podem até se enquadrar nestes casos, mas a grande maioria não se enquadra. E afirmamos que movimentamos a ciência no Brasil. Desde cedo aprendemos que publicar um artigo, propor um evento, realizar um projeto de pesquisa, ensino ou extensão, mesmo que sem recursos, sem aumento de salário faz parte do nosso papel. Temos uma demanda autogerada [e pasmem], alguns de nós, se auto sobrecarregam. E ainda aparece sempre aquele que pensa: nossa [!], deve ganhar rios de dinheiro para fazer isso, se não, por que faria [?], essa é uma excelente pergunta.

Infelizmente, gostamos do que fazemos, essa é a resposta sobre a qual refletimos muitas vezes, provavelmente, porque a ocupação seja viciante e nos damos conta que estamos deixando coisas importantes de lado, como a saúde, a família, o lazer, para passar dias na frente da telinha do computador [fazendo, resolvendo...].

Ah, mas se fazem tanto pela ciência, cadê o nosso NOBEL [?], outra questão interessante. Nosso empreendedorismo se mistura ao nosso amadorismo. Sim, descobrimos nosso próprio caminho. Nossa geração simplesmente aprendeu a fazer [sozinhos] e simplesmente vamos fazendo, mesmo com medo de sermos responsabilizados, se não fizermos certo, porque temos um compromisso ético. Esse equilíbrio entre o aprender, o descobrir e o inovar, nos impõe limites [nos faz pensar pequeno].



O NOBEL não vem [...] porque não temos recursos e vamos fazendo com o que temos, porque, aqui no Brasil, prestamos conta de tudo o que fazemos, [cada "centavinho"] que conseguimos arrecadar tem que ser explicado e justificado. Então, imprimir um material, sem ter uma logo do financiador, motiva a devolução do recurso, do próprio bolso. Heim [?!], não ganha nada e ainda tem de tirar de recursos pessoais para pagar algo, mas porquê [?], talvez seja o ego do reconhecimento, [que dizemos] também custa a chegar. E se vem, aparece junto com muitas críticas, inevitáveis. Sim, porque acabamos, por vezes, errando muito também, que faz parte de todo processo científico [...] e o NOBEL não vem.

Em um dia desses participamos de um seminário *online* sobre a editoração de periódicos científicos. As melhores práticas. E cada um, na sua realidade, comentava sobre as dificuldades da condução do processo: "Ah, mas a nossa equipe de diagramação é muito grande, então fazer com que todos os diagramadores sigam o padrão editorial é uma dificuldade pra nós!"; "Nosso tempo de ciclo está em 6 meses. A nossa equipe de acompanhamento criou gráficos e indicadores para acompanhar os prazos das publicações."; ou "Nossos revisores de texto..."; tudo no plural, muitas pessoas envolvidas.

Então, como que uma revista acadêmica, revisada por pares que não recebem um tostão sequer, pode ter a audácia de tentar concorrer, lado a lado, com uma grande editora, que possui filiais ao redor do mundo e várias equipes para realizar o trabalho que fazemos sozinhos [?]. E ainda, são elas, que irão decidir se estamos fazendo certo ou errado e ainda balizarão se podemos ou não obter recursos, para contratar profissionais que nos ajudem nessas funções.

O começo não é fácil, um periódico que inicia, precisa desbravar um caminho duro, convencer as pessoas a confiarem em sua proposta. A acreditarem que no futuro serão recompensadas com um QUALIS. Aprender a fazer, a mexer com o OJS, a diagramar, a criar páginas, a buscar por ajuda, e se ela não vir, fazer assim mesmo. E não entendam esse depoimento como um desestímulo [pois não é], simplesmente, façam, sejam resilientes e persistam nas tentativas de fazer. Gritem por ajuda, mas façam. E sim, arrisquem. Disso depende o FUTURO de nosso Brasil. E talvez, para geração seguinte, depois que aprender e ensinarmos, o caminho seja mais fácil e os NOBELs venham.

Esta é a primeira edição regular da *IMPACT projects*, que publicou sua primeira edição especial, ENSUS 2022, em outubro. E imagino, que a história dela não será diferente da nossa, mas o resultado, temos certeza que trará o reconhecimento futuro. Nesta edição de lançamento constam artigos de pessoas que acreditam no trabalho da revista.

Palavras-chave: Pesquisa. Ciência. Inovação. Revista Científica. Projeto.

Florianópolis, 22 de dezembro de 2022.

LISIANE ILHA LIBRELOTTO E PAULO CESAR MACHADO FERROLI
EDITORES DA MIX SUSTENTÁVEL